

Da solidão compartilhada à virada relacional: entrevista com David Gunkel

From shared solitude to the relational turn: interview with David Gunkel

Tales Tomaz¹

Docente nos programas de graduação e mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade de Salzburgo (Áustria) e atualmente vice-coordenador do *Euromedia Ownership Monitor* (<https://media-ownership.eu>). Pesquisa políticas públicas e economia política da comunicação, tendo a co-organização do livro *Media for Democracy Monitor 2021* (Nordicom, 2021) como publicação mais recente.

Danielle Naves de Oliveira²

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (2007) e pesquisadora do FiloCom. Autora de *Poros ou as passagens da comunicação* (Paulus, 2016), tradutora de *Mudança de horizonte*, de Dietmar Kamper (Paulus, 2016). Pesquisa interfaces da comunicação, filosofia e literatura.

Resumo

Tales Tomaz e Danielle Naves entrevistam David J. Gunkel, professor titular do Departamento de Comunicação na Northern Illinois University (Estados Unidos), amigo e colaborador de Ciro Marcondes Filho. Nesta entrevista, são discutidos temas que fizeram parte do diálogo de Gunkel com Marcondes Filho por mais de uma década: a raridade da comunicação; a necessidade de uma fundação filosófica para o campo; as implicações desse empreendimento filosófico diante da chamada “virada relacional” no pensamento ocidental; e os desafios morais e éticos provocados pela crescente capacidade dos artefatos tecnológicos emularem funções sociais, especialmente com a proliferação de tecnologias de inteligência artificial, como robôs. David Gunkel ganhou projeção no cenário acadêmico estadunidense e internacional ao desafiar as concepções humanistas tradicionais em relação a esses tópicos em obras como *The Machine Question: Critical Perspectives on AI, Robots and Ethics* (2012) e, mais recentemente, *Robot Rights* (The MIT Press, 2018).

Palavras-chave: Ciro Marcondes Filho, David Gunkel, entrevista, Nova Teoria da Comunicação, alteridade, virada relacional.

Abstract

Tales Tomaz and Danielle Naves interview David J. Gunkel, professor of Communication Studies at Northern Illinois University, a friend of Ciro Marcondes Filho and one of his long-term collaborators. This interview addresses topics of Gunkel's and Ciro's common interest and dialogue over more than a decade: the rarity of communication; the necessity of a philosophical foundation for the field; the implications of such a philosophical endeavor vis-à-vis the “relational turn” in Western thought; and the moral and ethical challenges posed by the ever-growing capacity of technological artifacts to emulate social functions, especially since the boom in artificial intelligence technologies such as robots. David Gunkel gained projection in the North American and international academic scene by challenging traditional humanist views across these topics in works such as *The Machine Question: Critical Perspectives on AI, Robots and Ethics* (2012) and, more recently, *Robot Rights* (The MIT Press, 2018).

Keywords: Ciro Marcondes Filho, David Gunkel, interview, New Communication Theory, alterity, relational turn.

¹ Docente nos programas de graduação e mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade de Salzburgo. Orcid: 0000-0002-5492-2727. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2788467734636397>.

E-mail: tales.tomaz@plus.ac.at

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Orcid: 0000-0003-3317-1554. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3140111555699255>.

E-mail: dani.schrder@gmail.com

“O outro, nosso semelhante, por mais que o conheçamos, é um mistério. Não posso sentir o que ele sente, não posso saber o que se passa dentro dele; a dor do outro, nunca saberemos.”

(C.M.F., in *O rosto e a máquina*)

Amigo e colaborador de *Ciro Marcondes Filho*, David J. Gunkel ganhou visibilidade no cenário acadêmico norte-americano e mundial ao participar do debate sobre premissas filosóficas e consequências éticas de tecnologias de inteligência artificial, como robôs. É professor titular do Departamento de Comunicação na Northern Illinois University, nos Estados Unidos, onde leciona disciplinas relacionadas a filosofia e tecnologias digitais. Nessa linha, tem provocado concepções humanistas tradicionais com obras como *The Machine Question: Critical Perspectives on AI, Robots and Ethics* (Gunkel, 2012) e, mais recentemente, *Robot Rights* (Gunkel, 2018), propondo considerar a concessão de direitos políticos a máquinas que desempenhem papéis sociais. Neste ano, Gunkel trouxe a público *Deconstruction* (Gunkel, 2021), volume da prestigiosa coleção *The MIT Press Essential Knowledge*, em que sintetiza os principais pontos da noção de desconstrução, de Jacques Derrida, e sugere possíveis contribuições do conceito para pensar a relação humana com artefatos tecnológicos.

Mas sua trajetória de pensamento já havia se consolidado muito antes, com a publicação de *Thinking Otherwise: Philosophy, Communication, Technology* (Gunkel, 2007). Foi esta obra, pouquíssimo lida no Brasil, que chamou a atenção de *Ciro Marcondes Filho*, motivando-o a procurar Gunkel e iniciar uma amizade intelectual. Após um frutífero período de colaboração, com visitas mútuas e participação conjunta em eventos, *Ciro* convidou Gunkel para desenvolver um projeto inédito, a que chamou “Triangulação”. O objetivo seria refletir sobre as dimensões do outro no fenômeno comunicacional, especialmente diante do avanço das tecnologias digitais. A inspiração para o nome do projeto veio do fato de o debate se desenvolver a partir de três pontos geográficos bastante distintos, com suas próprias tradições de pesquisa: São Paulo, onde *Ciro* atuava; Chicago, berço acadêmico de Gunkel; e Zurique, de onde participou um amigo mútuo, o filósofo alemão Dieter Mersch, diretor do Instituto de Teoria (ITH) da Universidade de Artes de Zurique (ZHdK). O projeto resultou na publicação de *The Changing Face of Alterity: Communication, Technology, and Other Subjects* (Gunkel; Marcondes Filho; Mersch, 2016), organizado pelos três pensadores com a participação de diversos colegas, como os professores brasileiros Alex Galeno (UFRN), Maurício Liesen (UFPR) e Tales Tomaz (Universidade de Salzburgo), assim como uma colaboração do filósofo Mark Coeckelbergh (Universidade de Viena), referência nos estudos filosóficos sobre tecnologias digitais.

Nas páginas seguintes, David Gunkel faz um relato de sua amizade e diálogo com *Ciro Marcondes Filho*, que durou pouco mais de uma década. O percurso pessoal se

entrelaça com densas discussões acadêmicas, como a tese a respeito da raridade da comunicação, a necessidade de uma fundamentação filosófica do campo, as implicações dessa empreitada filosófica à luz da virada relacional no pensamento ocidental e os desafios morais e éticos lançados pela crescente capacidade que artefatos tecnológicos adquirem de emular funções sociais³.

Tales Tomaz – *Gostaríamos de iniciar a conversa com uma questão mais pessoal, sobre sua amizade com *Ciro Marcondes Filho*, que diz respeito a duas pessoas separadas geograficamente por quase 10 mil quilômetros: de um lado um intelectual brasileiro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e, do outro, você, intelectual e professor norte-americano, na Northern Illinois University. Ambos partilham a mesma data de aniversário, 9 de setembro, mas com 14 anos de diferença entre um e outro⁴, o que os coloca em diferentes gerações de pesquisadores. Como aconteceu de se encontrarem e darem início à colaboração intelectual?*

David Gunkel – Antes de estar com vocês esta manhã, passou um filme em minha cabeça, tentei refazer uma linha do tempo, pois muita coisa aconteceu desde que *Ciro* e eu nos vimos pela primeira vez. Procurei reconstituir nosso primeiro contato, o porquê e no que tudo isso resultou. Se bem me recordo, foi *Ciro* quem me procurou devido a uma pesquisa que fazia. Ele topou com um livro que escrevi em 2007, *Thinking Otherwise* (Gunkel, 2007), e logo em seguida me mostrou o resultado de suas interações com esse texto, o qual leu extremamente bem, adentrou incrivelmente o tema daquela pesquisa e, com isso, abriu-me perspectivas e me fez ver conexões que eu ainda não tinha visto. Enfim, o primeiro contato aconteceu no início de 2010 para me convidar a São Paulo como conferencista do congresso que comemorava os 10 anos do FiloCom, seu grupo de pesquisas⁵. Foi minha primeira visita ao Brasil e o primeiro encontro físico com *Ciro*. Ali, já houve uma sintonia entre nós. Entendi que o motivo de ele ter me procurado foi por também estar interessado em temas como alteridade [alterity], outridade [otherness] e tecnologias, algo muito relacionado com o trabalho que eu fazia naquele momento. Nossas pesquisas encontraram um tipo de interação simpatética que culminou numa

3 Entrevista realizada por videoconferência no dia 24 de março de 2021. A transcrição, tradução e edição são de Tales Tomaz e Danielle Naves.

4 *Ciro Marcondes Filho* nasceu em 9 de setembro de 1948 e David Gunkel em 9 de setembro de 1962.

5 O congresso “10 anos de FiloCom: a Nova Teoria nos 44 anos de ECA” ocorreu na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) entre os dias 22 a 26 de novembro de 2010, com o objetivo de discutir comunicação e filosofia.

amizade pessoal, e apenas mais tarde fiquei sabendo que fazíamos aniversário no mesmo dia.

T. Tomaz – *Quais foram, naquela ocasião, as impressões de Ciro sobre **Thinking Otherwise** responsáveis por essa sintonia?*

D. Gunkel – Falamos, em diferentes ocasiões, sobre o que faz com que duas pessoas de gerações e culturas diferentes consigam trabalhar tão bem juntas. Penso que uma das razões é o interesse mútuo por questionar a importância dos métodos científicos em nosso campo. Naquele momento, Ciro estava trabalhando no *metáforo* como um desafio em relação ao entendimento convencional de método como um caminho preestabelecido e propunha um modo mais interpretativo e espontâneo de abordar o objeto de pesquisa; e eu fazia algo muito similar em meu trabalho sobre Jacques Derrida, dizendo que a desconstrução jamais pode ser articulada como método, mas sim como um modo de descoberta no qual o método se constrói no próprio desenrolar da pesquisa. Penso que tanto Ciro como eu estávamos cientes da batalha que travávamos contra algumas estruturas disciplinares e institucionais, sobretudo quanto à maneira como se costuma articular e operacionalizar todo o aparato do método, bastante frequente em nosso campo, que acaba por restringir a pesquisa e impedir descobertas. O que nós dois tentamos foi tensionar essa delimitação e abrir novos caminhos à pesquisa, caminhos fora dessa estrutura tão rígida de um método exterior e pré-formulado que permite unicamente encontrar o que já se procurava. Posteriormente, realizamos também encontros com Dieter Mersch, num trabalho que se chamou “Triangulação”, um programa entre Brasil, Estados Unidos e Suíça, no qual realmente compartilhamos o interesse pela noção de alteridade, a importância do outro na formulação da comunicação, não só em teoria, mas também na prática. Acho que começamos nosso diálogo com o método e o estendemos às interações humanas, com foco na alteridade, e o que isso traz para o entendimento da teoria e da prática da comunicação.

T. Tomaz – *Quando vocês se encontraram pela última vez e qual foi o último trabalho que fizeram juntos?*

D. Gunkel – Nosso último encontro físico foi em Zurique, em 2015, durante o último evento da “Triangulação”, com o tema “Alteridade e tecnologias”. No entanto, depois disso ainda tivemos inúmeras conversas e correspondência por e-mail. Procurei o Ciro em muitos momentos enquanto trabalhava em meu livro *Robot Rights* (Gunkel, 2018), no qual recorri a muitos resultados, textos e *insights* dele. Depois, quando comecei a escrever o *Deconstruction*, que será publicado agora no segundo

semestre de 2021 [N.E.: conforme previsto, o livro já está publicado (Gunkel, 2021)], voltei à discussão sobre método que tivemos no início de nossa amizade. Interessantemente, o período que finaliza nosso diálogo e nosso trabalho conjunto é um tipo de retorno ao começo. Meu último e-mail ao Ciro foi para enviar a primeira versão de meu livro e dizer: “Olhe, seu pensamento está aqui, estou de volta às nossas discussões sobre método”. E eu tinha tanta esperança de poder enviar-lhe uma cópia do livro finalizado, mas, infelizmente, ele faleceu antes que isso acontecesse. Pelo menos consegui que a MIT Press acrescentasse um reconhecimento e uma dedicatória ao Ciro. O livro é dedicado à memória dele.

T. Tomaz – *Sabemos que, mesmo em se tratando de um poliglota, a maior parte da obra de Ciro Marcondes Filho está em língua portuguesa. Como você leu seus textos?*

D. Gunkel – Boa pergunta, pois isso se deu num processo muito interessante. A primeira visita que fiz a São Paulo coincidiu com minha pesquisa sobre o fenômeno *remix*. Depois, tive a chance de visitar o país outras vezes, em 2012 e 2014, sempre convidado por Ciro, e fui me interessando bastante por uma prática de *remix* típica da região de Belém do Pará chamada *tecnobrega*. Ciro achou aquilo uma loucura de minha parte, talvez isso tivesse a ver com nossa diferença de gerações. O fato é que esse estilo de música me interessou muito, pois utiliza tecnologias e transforma a proposta das canções do mundo pop americano em algo mais conectado à experiência das pessoas daquela região. É algo que reformula conteúdos midiáticos e nos leva a pensar no *remix* como fenômeno global. Numa dessas viagens, topei com um livro chamado *Tecnobrega*, que existe somente em português, jamais seria traduzido para o inglês. Fiz um grande esforço para lê-lo, pois era importante para minha pesquisa, usando tradutor do Google e meu conhecimento em outras línguas como francês e latim, sempre indo e voltando. Como resultado dessa experiência, senti-me mais capaz de ler os textos do Ciro que não estão traduzidos. Por exemplo, ele me enviou por correio *O rosto e a máquina*, que é justamente o livro que utilizo no *Deconstruction* como referência do *metáforo*. Eu mesmo traduzi alguns trechos para citar em meu livro; neste caso específico, tive um pouco de ajuda de Gustavo Said (UFPI). Continuo lendo a obra de Ciro e sempre lamentei não saber bem a língua, pois, se não fosse isso, poderia traduzir sua obra e contribuir para que se torne mais acessível aos leitores da América do Norte.

T. Tomaz – *A experiência de professor universitário implica estar alocado numa disciplina. Ciro Marcondes*

Filho trabalhou muito para consolidar seu campo e definir o escopo acadêmico dos estudos de comunicação. Ele próprio se sentia fortemente vinculado a esse campo e via-se na tarefa de contribuir para a solidificação de seus fundamentos. Você se sente igualmente situado no interior dessa disciplina? Como você se vê, especialmente, em comparação ao posicionamento de Ciro?

D. Gunkel – Compartilho tal visão com ele. O campo da comunicação pode nos proporcionar novos modos de entender o ser humano, especialmente na sua relação com as tecnologias. Por outro lado, nós dois também reconhecemos que o modo como esse campo tem se desenvolvido nos nossos países limita as possibilidades da disciplina. Foi então que começamos a considerar inadequados vários dos fundamentos filosóficos da disciplina e colocamo-nos a tarefa de repensar suas ideias fundantes, sua subestrutura. Mesmo trabalhando a partir de diferentes perspectivas e de particularidades culturais, penso que partilhamos o compromisso com os fundamentos filosóficos da comunicação, acrescentando a ela um componente bem mais forte e rigoroso. Sentimos que isso faltava e ainda falta em grande parte de nossos contemporâneos.

D. Naves – *Entendo o aspecto que você destacou em relação à delimitação epistemológica da disciplina, o que nos leva igualmente a pensar em suas implicações políticas. A consolidação de uma disciplina também serve para regulamentar direitos e deveres de política científica, de institucionalização, de financiamentos e bolsas. Se o campo não é bem delimitado, há fragilidade e dificuldade para continuar trabalhando. Mas se a delimitação for muito rígida, a liberdade de pensamento poderá correr risco. O que você diz sobre isso?*

D. Gunkel – É uma luta que temos em comum, pois nos Estados Unidos também há essa dificuldade. Reconhecemos que boa parte das fontes de financiamento privilegiam um tipo particular de pesquisa e de formulação científica. Frequentemente, somos obrigados a nos adaptar às condições das instituições de fomento, pois, caso contrário, não haverá financiamento. É uma troca complicada. Primeiro, é preciso aprender a fazer o jogo e estar apto a falar a linguagem deles, seja a dos estudos empíricos ou a de uma abordagem sociológica em particular; enfim, mobilizar essas aptidões para assegurar financiamento. Deste modo, você colocará sua pesquisa na agenda política. E somente depois disso é que poderá começar a mudar a estrutura. Não há possibilidade de mudar o jogo sem estar dentro dele. E penso que Ciro, mais do que qualquer outro pesquisador que conheci, sabia fazer isso como alguém que realmente entendeu que este é o modo de fazer a coisa andar; neste sentido, ele era bastante

pragmático, pois sabia circular nos ambientes da política científica e como pressioná-los por mudança. Isso era algo crucial em sua forma de agir. Toda vez que ele me contava de um novo projeto e de sua busca por apoio, eu ficava extremamente impressionado com sua capacidade de se posicionar. Tinha uma força impressionante, como um político, e uma habilidade de trabalhar simultaneamente com criatividade e estratégia. Ele conseguiu apoios para projetos bastante ousados e precisou dialogar muito para convencer as agências.

T. Tomaz – *Nesse contexto também se situa o debate sobre a distinção entre pesquisa empírica e teórica. Sabemos que a universidade pertence a um contexto econômico e político no qual o trabalho é cada vez mais financiado a partir de parcerias com a iniciativa privada ou com certos projetos políticos. A ciência acaba se tornando em boa parte dependente disso. Ciro Marcondes Filho notou que esse tipo de estrutura acadêmica não poderia favorecer a discussão filosófica dos fundamentos de nosso campo. Você também vê assim? Como você avalia tal distinção na universidade e como os Estados Unidos lidam com ela? Alcançou-se um equilíbrio neste sentido?*

D. Gunkel – Concordo com Ciro em todos os termos. Na nossa disciplina, o pêndulo está indo em direção às pesquisas empíricas: quanto mais quantitativo for o estudo, quanto mais números, tabelas e coisas desse tipo houver, ali estará o dinheiro. E acho que isso marginaliza os tipos mais filosóficos de trabalho, pois não temos a mesma condição de dizer coisas através de números ou gráficos. Dito isso, temos a oportunidade aqui nos Estados Unidos de buscar apoios fazendo parceria com pesquisadores das ciências sociais, por meios que permitam ao trabalho filosófico entrar em contato com as pesquisas aplicadas. Não há necessidade de apartar um lado do outro, mas penso que é preciso ser mais criativo em relação ao modo de interagirmos e aprendermos uns com os outros. No geral, penso que nos Estados Unidos essa questão seja até pior do que no Brasil, pois aqui os estudos majoritariamente financiados são os empíricos, enquanto os mais teóricos tendem a ser marginalizados no processo. Tomo como exemplo minhas próprias publicações. Não consegui financiamento para nenhum dos livros que escrevi, sob a alegação de serem livros muito teóricos. Em compensação, obtive apoios para publicar estudos menores realizados com cientistas sociais cujos trabalhos tinham algum tipo de vínculo com minha teoria. Mas o financiamento de meus livros, que são fruto de pesquisa teórica e filosófica, veio de meu próprio orçamento na universidade, e não de agências externas de fomento. Sei por experiência própria, e também por conversas que tive com Ciro ao longo dos anos, que desdobramentos

em nossa área intensificaram a marginalização das abordagens mais teóricas. Apesar disso, conseguimos dinheiro para o trabalho que fazíamos juntos. Ciro obteve fomento no Brasil para organizar nossos eventos. Também Dieter Mersch, na Suíça, país que disponibiliza muito mais recursos para trabalhos teóricos, conseguiu dinheiro para nos levar para Zurique e continuar as discussões do projeto da Triangulação. Mas, de fato, tivemos de procurar apoio fora dos Estados Unidos para esse projeto, pois aqui não se demonstrou interesse pelo trabalho, visto como demasiadamente teórico.

T. Tomaz – *Você vê alguma perspectiva de mudança, um movimento de volta do pêndulo na direção de pesquisas teóricas?*

D. Gunkel – Eu gostaria de responder que sim, pois sou otimista. Mas sinto dizer que minha resposta é não. Trata-se de uma luta política pela alocação dos recursos para fazer pesquisa. Se perdermos a oportunidade de desenvolver e publicar pesquisa teórica, diminuiremos a capacidade de compreensão da nossa condição.

T. Tomaz – *Simultaneamente, os críticos de Ciro costumam dizer que um trabalho sem validação empírica é incompleto, falho. Como você vê esse tipo de contra-argumento? É algo que também costuma ouvir?*

D. Gunkel – Penso que é um tipo de crítica um tanto desonesta. Muitos dos trabalhos de Ciro apoiam-se em exemplos incríveis trazidos da experiência. Refiro-me, por exemplo, a um evento em que estivemos juntos na Polônia, em 2013, numa conferência a partir da qual fizemos uma publicação. Ele descreveu como as redes sociais são usadas por estudantes de intercâmbio em universidades no exterior, questionando se essas mídias não estariam criando uma bolha, algo que impedisse as pessoas de experimentarem o “outro”; afinal, você pode ter toda uma vida social nesses aparelhos. Tratou de experiências como a de vocês dois, Danielle e Tales, que foram estudar em países estrangeiros. Sabemos que ele mandou estudantes para o mundo todo⁶; analisou relatos dessas pessoas e os retomava em seus escritos. Talvez não se trate de *surveys*, mas suas fontes estão certamente calcadas no mundo empírico. Aliás, através dos estudantes que mandou para o mundo, Ciro deixou um imenso legado global. Acredito que as pessoas que o criticam trabalham com uma noção muito limitada de empiria.

⁶ Em 2006, Ciro Marcondes Filho foi eleito o primeiro presidente da Comissão de Relações Internacionais da ECA/USP (CRInt), implementando convênios, parcerias, e facilitando a interação de estudantes de graduação e pós-graduação com instituições estrangeiras. Antes disso, atuou na CCINT, órgão central de cooperação internacional da Universidade de São Paulo.

T. Tomaz – *Embora tenha contado com importantes colaboradores em sua vida acadêmica e construído uma sólida rede de interlocutores, Ciro sentia-se solitário e muito criticado por seus pares. Por isso, ele apreciava muito a colaboração que construiu com você. Por outro lado, você parece ter uma rede bastante extensa de interlocutores e, inclusive, colocou Ciro em contato com alguns deles, como Mark Coeckelbergh; você tem mais de 5 mil seguidores do Twitter, uma “celebridade” acadêmica⁷. Não seria um contraste esta amizade com alguém altamente criticado em seu próprio país, como Ciro? Você sente algum tipo de solidão acadêmica ou em relação às suas próprias ideias?*

D. Gunkel – Sinto que tanto eu quanto ele nos sentimos isolados. Se você olhar para a maior parte do que publiquei, são publicações solo. E não é porque não sei trabalhar em equipe, é porque, assim como ocorria com Ciro, muitos pares veem o que fazemos como uma espécie de ponto fora da curva, algo fora do *mainstream*. O caso de Ciro está mais ligado à Nova Teoria da Comunicação e a todo o trabalho que dela decorreu; no meu caso, é o trabalho que tenho feito com inteligência artificial e direitos dos robôs, coisa que a maioria das pessoas vê apenas como uma ideia bizarra e, portanto, não quer se envolver com algo assim. Posso dizer que também tenho um número restrito de colaboradores, mas com aqueles que o são, trabalhamos muito bem juntos. E compartilhamos nossas solidões. A razão pela qual Ciro e eu nos entendemos tão bem é por termos partido desse lugar de não ter alguém para conversar, não ter um interlocutor: “Ei, aqui está alguém que pode conversar comigo; alguém que entende o que estou falando”. O mesmo se deu com Mark Coeckelbergh em Viena, com quem tenho trabalhado pelos mesmos motivos. E sei que ter colocado os dois em contato foi também um momento importante, pelo menos para Mark, que, antes disso, jamais tinha ouvido falar do trabalho de Ciro. Como resultado disso, ele também está utilizando o pensamento de Ciro em sua própria pesquisa atual. Sim, acho que todos viemos desse campo solitário.

D. Naves – *Passemos agora aos pontos em comum entre seu pensamento e o de Ciro Marcondes Filho. Você vê alteridade em robôs e máquinas. Ciro considerou a possibilidade de um acontecimento comunicacional entre humanos e não humanos, por exemplo com uma obra de arte ou com um livro. É algo que soa bem estranho aos pesquisadores brasileiros, que em boa parte não aceitam tal pensamento.*

⁷ N.E.: dado da ocasião da entrevista. No momento da publicação do texto, Gunkel tinha quase 6,5 mil seguidores.

D. Gunkel – Sim, tivemos uma espécie de solidão compartilhada, pois desafiamos pessoas a pensarem de novas maneiras a experiência comunicativa, nas quais uma obra de arte pode comunicar, um robô pode comunicar. E isso é um desafio ao excepcionalismo humano no nosso campo. A comunicação tem sido um empreendimento majoritariamente humanista, investida no excepcionalismo humano, e assim que você começa a questionar se o ser humano é mesmo o único sujeito comunicante do mundo, você começa a sofrer reações, pessoas que rejeitam sumariamente o debate. Talvez seja essa a principal razão de termos encontrado tão poucos colaboradores científicos.

T. Tomaz – *Gostaria de debater a tese de Ciro sobre comunicação. Para ele, comunicação é algo muito raro e que só ocorre quando um sinal consegue sacudir ideias preexistentes e mudar a forma como o outro vê as coisas. A maior parte daquilo que chamamos de comunicação é, para Ciro, apenas informação, consolidando ideias já enraizadas. É o caso da comunicação de massa, do jornalismo, dentre outros. O que você pensa dessa abordagem? Você considera legítimo argumentar sobre a ontologia da comunicação, propondo definições sobre o que comunicação é ou não é?*

D. Gunkel – Sempre gostei dessa abordagem, porque ela ecoa um pensador dos Estados Unidos, chamado James Carey, que faz uma distinção entre a noção de comunicação como transmissão e a de comunicação como ritual. Assim como Ciro, ele entende que grande parte do que fazemos e chamamos de “comunicação” não passa de troca de sinais, e nada além disso, mandar palavras e significantes de um lado a outro. Dessa forma, comunicação num sentido mais profundo, como compreensão compartilhada, é, sim, um evento raro, algo não habitual. A palavra “comunicação”, tanto no mundo latino quanto no mundo anglófono, tem a ver com *communis*, comum, uma experiência partilhada, o que pode também ser considerado comunalidade. James Carey busca tais raízes, que retomam por exemplo a ideia de comunhão da Igreja Católica, na qual as pessoas participam de um ritual que realmente molda o entendimento. Mas isso não é algo que ocorre todo dia, não é algo que se dá no noticiário ou na comunicação de massa; trata-se de um evento raro no qual encontramos o “outro” de uma forma que abre nosso mundo para um desafio ao qual temos de responder. Ciro entendia essa ideia, e é precisamente por essa razão que considero que ele faça parte do time de pensadores como Carey ou como Levinas, pensando e falando coisas em sintonia com eles. Em resumo, o que eles falam é que esse tipo raro de comunicação não está presente em nossas interações mediáticas cotidianas. A comunicação

rara precisa ser cultivada e, ao mesmo tempo, reconhecida como algo que não se dá a todo momento para todos, e, portanto, é única. Ela nos desafia de diferentes formas.

T. Tomaz – *Por outro lado, há críticos que argumentam, por exemplo, não ser possível definir o que é comunicação sem ter em conta a maneira como o termo se desenvolveu historicamente. Mais precisamente, alguns argumentam que, historicamente, a comunicação assumiu esse sentido de **mass media**, jornalismo e informação transmitida por aparelhos eletrônicos. Como você vê tal contra-argumento?*

D. Gunkel – Sei que, principalmente no Brasil, o campo da comunicação deve muito de seu desenvolvimento à área do jornalismo, que operou como um tipo de subestrutura, dando oportunidade para o campo se desenvolver. Nos Estados Unidos, é um pouco diferente; o campo evoluiu mais a partir da teoria da comunicação desenvolvida por Claude Shannon, no período pós-guerra. Portanto, é da engenharia que tiramos nossa noção de comunicação. De todo modo, ambos os países chegaram a essa ideia de comunicação como troca técnica de dados, na qual a informação se move de um ponto A até um ponto B. É um entendimento “transportacional” do que é comunicação, no qual alguém detém um conhecimento e passa para o outro. Meios de massa, como televisão e jornais, realizam essa transmissão de forma mais ou menos conveniente e eficiente. Ciro escreveu em algum lugar, não sei mais em qual livro, que comunicação não funciona exatamente assim; afinal, quando compartilho algo com você, eu não simplesmente abro mão daquilo, eu ainda tenho aquilo, aquilo continua comigo. E mesmo no processo de transmissão, num nível bem mais profundo, sempre há algo da experiência comunal, partilhada. E isso é algo que não pode ser reduzido à transmissão de informação. A seus críticos, eu sugiro dar uma olhada na etimologia da palavra *comunicação*, que tem a mesma raiz que as palavras *comunidade* e *comum*. É preciso atentar para o modo como essa prática cria experiência comunal que nos une em comunidades. Isso tem muito pouco a ver com transmissão de informação, e mais com o desafio de um estar diante do outro, com a criação de experiências partilhadas. Reitero: voltemos à palavra *communis*.

T. Tomaz – *Com a ideia da comunicação como evento raro, Ciro também cultivou o desejo de criar uma escola independente dedicada ao pensamento da comunicação no Brasil. Em alguns momentos, falou-se em “Escola de São Paulo de Comunicação”, um eco da Escola de Frankfurt. Ainda assim, há algumas semelhanças entre sua teoria e outros pensamentos na história das teorias da*

comunicação. Onde você localizaria o pensamento de Ciro Marcondes e sua teoria da comunicação?

D. Gunkel – Acredito que há um ponto de contato com a obra de Heidegger. Por exemplo, se você olhar em *Ser e Tempo* (Heidegger, 2012), no modo como ele fala de comunicação e *Mit-sein*⁸, penso que Ciro entende a comunicação de modo muito próximo ao que Heidegger desenvolveu ali. Há também uma proximidade com o entendimento de linguagem que aparece na fase posterior da obra de Heidegger. Sei também que Ciro se debruçou bastante sobre a obra de Levinas; tive a oportunidade de conversar várias vezes com ele sobre isso. Há muito de Levinas na Nova Teoria da Comunicação, como a exposição ao outro, a raridade do evento da comunicação, assim como o desafio que traz ao indivíduo e como respondemos a isso. Em termos de diferenças ou contrastes, diria que há uma distância bem visível em relação a abordagens como as de Shannon e Weaver e de toda a teoria que dali decorreu, principalmente aqui nos Estados Unidos. Acredito que Ciro via com muito ceticismo o que essas teorias consideravam como comunicação. Ele me parecia igualmente cético em relação aos filósofos da linguagem que seguem a tradição analítica. Quanto à Escola de Frankfurt, mesmo tendo muitas afinidades, ele também mostrava discordâncias, já que Adorno e alguns de seus colegas tinham uma visão consideravelmente mecanicista da comunicação, em especial da comunicação de massa. Ciro contestou várias teses fundamentais da Escola de Frankfurt, mesmo que compartilhasse muito daquele compromisso político e pedagógico.

T. Tomaz – *Importante você ter tocado nas teorias da Escola de Frankfurt e seu papel político. Muitos críticos de Ciro argumentam que sua obra é despolitizadora, no sentido de não contribuir para o desenvolvimento de um pensamento politizado e progressista. Você concorda?*

D. Gunkel – Penso que as conexões entre seu pensamento e o de Heidegger e Derrida são importantes para entender esse ponto. A obra de Derrida, por exemplo, foi abertamente criticada por não ser explicitamente política, um tanto desconectada do engajamento que outros teóricos de filosofia e comunicação da sua época demonstravam, mais diretamente ligados ao ativismo. Mas era, sim, política, só que num nível mais epistemológico e ontológico. É, portanto, pensamento político em um nível ainda mais fundamental. No caso de Ciro, seu engajamento está ligado a como entendemos o papel da comunicação na sociedade e em nossas comunidades, a como ela é

instrumentalizada e mobilizada pelos humanos. Voltemos à ideia dele de que um livro ou uma obra de arte pode comunicar. Isso expande a comunidade política, que deixa de se restringir a sujeitos humanos e passa a englobar também artefatos, que agora podem participar da formação da coisa pública. Se o nosso entendimento da comunicação for mais amplo do que humanos, nosso entendimento do político também precisa abranger mais do que humanos, resultando em um ambiente e um engajamento políticos diferentes, que muitos críticos não percebem por estarem em busca de uma versão mais óbvia do engajamento político, sendo que a contribuição de Ciro está num nível muito mais fundamental.

T. Tomaz – *Você considera que a maioria das discussões atuais sobre política fica apenas na superfície?*

D. Gunkel – Tomemos o exemplo da crise de imigração nos Estados Unidos, um problema político enorme, pessoas atravessando a fronteira, gente querendo fechar a fronteira, Trump propondo construir um muro... Tanto a esquerda quanto a direita têm dificuldades com a questão da imigração. Só que esse é o aspecto mais pragmático do tema, que envolve como protegermos nossas comunidades de forma justa para com as necessidades dos imigrantes. Trazendo algumas conversas que tive com Ciro no passado, nessa abordagem perde-se a chance de dialogar sobre qual é o desafio do imigrante, por que sentimos isso, qual a razão desse debate. No limite, a questão tem a ver com nosso medo do “outro” e com nossa incapacidade de encarar a alteridade que se apresenta a nós na face do imigrante. Então, há uma dimensão nesses questionamentos mais profundos que tem, sim, um efeito nos problemas políticos imediatos. Mesmo que não ofereça soluções, tal exercício filosófico é válido para que se aprenda a formular as questões certas. As perguntas que estamos levantando sobre imigração talvez não sejam as mais importantes e pode ser que precisemos de um pouco mais de pensamento filosófico sobre imigração, distribuição da população, justiça, equidade.

T. Tomaz – *Alguns diriam que esse tipo de questionamento é menos urgente.*

D. Gunkel – Ouço isso o tempo todo em relação aos direitos dos robôs ou ao estado moral dos artefatos. Elas dizem: “Fale sobre isso daqui a uns cem anos, quando os robôs fizerem uma rebelião, tiverem consciência ou algo assim. Temos coisas mais imediatas com que nos preocupar atualmente, como o viés dos algoritmos, *big data*, privacidade e tudo o mais.” E minha resposta é que podemos fazer ambas as coisas. Não precisamos trabalhar em apenas uma coisa, não é? É importante trabalharmos com

⁸ Conceito de Martin Heidegger que tradutores brasileiros normalmente traduzem como “ser-com”, referindo-se à experiência de estar sempre junto a outros.

as urgências, mas também precisamos pensar questões maiores e mais especulativas, porque elas também definem como entendemos os problemas imediatos. Costumo explicar isso a meus alunos da seguinte forma: você não vai a um teórico ou filósofo para ter a solução de um problema; se tem um problema, vai a um engenheiro. Esse é o modo de pensar do engenheiro: aqui está um problema, eis a solução. Políticos pensam de maneira semelhante. São muito pragmáticos e focados na solução para um problema imediato.

T. Tomaz – *E a ciência quer seguir o mesmo caminho...*

D. Gunkel – Sim. Em contrapartida, os teóricos, especialmente os ligados à filosofia, preferem dizer: “Não oferecerei uma resposta à sua pergunta; vou questionar a sua questão, pois você pode estar formulando a questão errada.” Às vezes a pessoa procura a solução errada por não conseguir fazer a pergunta certa. Tal foi o trabalho de Sócrates: fornecer perguntas em vez de prover respostas definitivas aos interlocutores, desafiar a maneira como pensamos o problema. Estamos formulando as perguntas certas? Se não, que tipo de questões deveríamos nos colocar? E penso que Ciro, em sua abordagem da comunicação, fez isso perfeitamente, inclusive quando respondia a seus críticos. Ele apontava para questões mais fundamentais que nos passam despercebidas, pois ficamos focados apenas no imediato. Ciro estava sempre lutando para que as pessoas questionassem seu próprio modo de questionar. Algo como: por que se faz essa pergunta? Que tipo de poder está por trás dessa pergunta? Quem se empodera com essa pergunta? Quem é o excluído quando se faz essa pergunta? Isso é realmente crucial.

T. Tomaz – *Isso também é político. Levinas, como você mencionou, desempenhou um papel muito importante na obra tardia de Ciro. Muitos caracterizam a obra desse filósofo francês como importante influência do que se tem chamado de virada relacional (**relational turn**). Nosso entendimento da virada relacional é de que o estatuto moral de algo não é definido substantivamente, mas emerge apenas dentro de um encontro, de uma relação. Talvez você possa dar sua própria definição sobre essa virada relacional e o estado atual da questão. Pergunto ainda se você vê o trabalho de Ciro como parte dessa virada.*

D. Gunkel – Sim, é exatamente isso. A virada relacional é um desenvolvimento na teoria moral recente que surge de exigências deixadas por falhas em teorias morais anteriores. Muitas vezes a maneira como nos conduzimos em relação aos desafios morais é perguntando-nos: o que é isso? Assim, somos levados a fazer

uma distinção ontológica. Costumamos dividir o mundo entre sujeitos e objetos, assim como na área do direito falamos de bens e pessoas, numa maneira de predefinir o mundo em categorias. É algo que já começa em Descartes, quando coloca de um lado a *res cogitans* (coisa pensante) e, de outro, a *res extensa* (coisa extensa). Então pensamos as primeiras como sujeitos, dignos de preocupação moral, e as últimas como objetos, que podemos usar como achamos melhor. Temos feito isso ao longo da história: um grupo de humanos se reúne e decide ou delibera quem faz parte (*insider*) e quem é excluído (*outsider*). Houve uma época em que era normal excluir pessoas pela cor da pele, considerando-as objetos e vendendo-as como escravas. Mais tarde, isso se tornou condenável. A mesma história se repetiu em relação aos animais, que considerávamos fora do círculo de preocupação moral. Isso nos dava o direito de simplesmente abatê-los, comê-los e fazer o que quiséssemos com eles. Mas eis que aparecem os “direitos dos animais”. Isso foi um grande desafio para as nossas decisões morais. Também há o caso das mulheres, não é? Cem anos atrás as mulheres não podiam votar porque não eram consideradas racionais. Então vemos que repetidamente nossas decisões sobre quem faz parte e quem não faz parte da comunidade moral mostraram-se redondamente equivocadas, mas não apenas: também violentas, excludentes e devastadoras para diversos grupos de entes que habitam este planeta conosco. Então a virada relacional diz que talvez tenhamos entendido tudo errado, que talvez não estejamos na posição de precisar, primeiramente, dividir o mundo e, depois, tratar as coisas de diferentes formas. Seria mais importante olhar para as relações que temos com as várias coisas que nos afetam e, em seguida, tomar nossas decisões com base na forma como respondemos a elas. Levinas costumava dizer que a ética é a filosofia primeira. Encontramos primeiro o rosto do outro e só depois disso começamos a dividir o mundo em sujeitos e objetos. Então o desafio moral vem antes da decisão ontológica e, por isso, devemos priorizar a relação ética à decisão metafísico-ontológica, que já nos causou tantos problemas na história da filosofia moral. Esse é o ponto central e realmente interessante em Levinas. Ele basicamente inverte toda a tradição da filosofia ocidental, questionando formas fundamentais de pensar a respeito de como categorizamos o mundo e tomamos essas decisões cruciais sobre quem vale e quem não vale. Sei que Ciro se concentrou em Levinas num momento mais tardio de sua carreira e ousou dizer que faço parte desse processo e desse encontro. Não vou dizer que lhe apresentei Levinas, mas Ciro começou a se debruçar sobre esse filósofo na mesma época em que conheceu a minha obra. E fez uma vinculação muito simpática entre

Levinas e meu trabalho sobre máquinas, robôs e inteligência artificial. Voltando à sua pergunta: sim, acho que Ciro compartilhava desse interesse na virada relacional. Talvez não exatamente nos termos articulados por Levinas, mas ele apreciava essa inversão em que o componente moral tinha precedência (tanto cronologicamente quanto em seu *status*) em relação à decisão ontológica.

T. Tomaz – *Você diz ter identificado na obra de Ciro uma proximidade com Heidegger. Muitos argumentam que Heidegger defendia um excepcionalismo humano com sua ideia de **Dasein**. Como você vê Levinas em relação a Heidegger? Haveria um ponto de clivagem entre eles?*

D. Gunkel – A motivação imediata de Levinas para a virada relacional foi a leitura de Heidegger. Podemos dizer que Levinas trabalha, simultaneamente, com Heidegger e contra Heidegger. Assim, grande parte da linguagem levinasiana é heideggeriana, mas invertida, desconstruída. Levinas procura responder ao que viu como desafios abertos em Heidegger e que não foram totalmente fundamentados ou articulados. Portanto, seu trabalho nunca teria sido possível sem Heidegger, mas é preciso reconhecê-lo como crítica a Heidegger, como algo que vai contra a sua atração gravitacional e que, de modo geral, foi ótimo para sua geração. Por isso, acho que ler os textos levinasianos abre muitas portas em relação a Heidegger sobre coisas que antes não eram expressas, mas que sempre estiveram lá nas margens para serem extraídas e desenvolvidas. Há um livro muito interessante sobre o qual Ciro e eu conversamos, acho que na última vez em que nos vimos em Zurique, da autora Silvia Benso. Chama-se *The Face of Things* (Benso, 2000), no qual ela elogia Levinas por falar do rosto, de seu componente moral e do desafio que ele representa, mas também diz que ele não foi longe o suficiente, pois parou na questão do ser humano. O rosto e o outro em Levinas ainda são bastante humanistas. A autora aponta, então, alguns esforços como os de John Llewelyn e Peter Atterton, pesquisadores que têm tentado expandir a alteridade levinasiana ao animal e à face do animal. Mas ela procura ir mais longe e sugere que também as coisas podem ter rosto, como um livro, uma obra de arte ou uma tecnologia. O modo como Silvia Benso faz a alteridade levinasiana também se referir a coisas é trazendo Levinas de volta a Heidegger, que provavelmente tem um dos entendimentos mais sofisticados da coisa. Lembremos de seu texto *Que é uma coisa* (Heidegger, 1992). Benso combina esses autores para fazer Levinas responder ao desafio moral das coisas e fazer Heidegger incluir mais questões éticas e morais no seu pensamento. Foi um experimento bem interessante debater com Ciro sobre esse livro quando nos encontramos em Zurique,

justamente na época em que ambos falávamos sobre o rosto do outro, sobre quem poderia ser esse outro e onde estariam os limites de seu rosto. Acho que Ciro também viu essa possibilidade colaborativa e frutífera entre Levinas e Heidegger, que permite uma abertura do texto levinasiano ao outro para além do ser humano, assim como uma leitura de embasamento mais ético do texto heideggeriano.

D. Naves – *Há alguns pontos em relação a isso que eu gostaria que você aprofundasse e que têm a ver com suas próprias pesquisas. Primeiramente, Levinas é um pensador judeu, que traz toda a questão da alteridade a partir do judaísmo. Para nós, é um tema ainda muito desafiador; não sabemos ao certo o que é um rosto. Podemos vê-lo como face, mas também como facilidade, como um tipo de tradução. Você, em suas pesquisas, também usa o termo “pessoa” para designar a alteridade, no sentido de considerar máquinas como tal. Sua proposta seria um tipo de personalização das coisas, na contracorrente da já conhecida coisificação das pessoas? Por outro lado, se bem o conheço, sei que não é um pensador antropocentrista. Então, haveria aí uma referência a Espinosa, para quem tudo está conectado?*

D. Gunkel – Espinosa é outro filósofo muito importante vindo do judaísmo. Sim, eu diria que há uma conexão, por exemplo, entre a face e a personalidade. Esta última palavra tem uma etimologia muito rica, assim como a palavra “comunicação”. *Persona*, em grego, era originalmente a máscara utilizada pelos atores do teatro e somente mais tarde, no período romano, passa a ser associada a quem a porta. Ora, isso quer dizer que o rosto da pessoa é algo que se veste, certo? É algo performado. Mark Coeckelbergh tem uma maneira muito interessante de expressar isso, na qual alteridade não é um substantivo, mas um verbo. O rosto não é algo que se possui. É um ato, um enfrentamento, algo que ocorre no relacionamento. Por que no relacionamento? Pois é justamente ali que as coisas podem nos enfrentar de maneiras desafiadoras, como um livro e uma obra de arte, um robô ou outro ser humano. Eles abrem a oportunidade de atribuir rosto a um objeto. Mas isso também significa que é possível negar o rosto de modo a desumanizar ou despersonalizar algo. Acho que é um risco muito real e sabemos que deve ser enfrentado de forma direta e responsável; afinal, a coisa pode ir nas duas direções, não é? É possível personificar ou despersonificar profundamente algo – para usar essa terminologia. E, obviamente, as exclusões têm tudo a ver com despersonificação. Só é possível vender pessoas como escravas ao torná-las não humanas, fazendo algo deliberado para excluí-las, por meio de manobras complicadas como atribuir-lhes

números em vez de nomes, negar o nome, a língua... Enfim, são muitos os truques, e a história nos dá inúmeros exemplos, infelizmente.

D. Naves – *Gostaria de insistir para que você falasse da violência que é desumanizar sujeitos, ao mesmo tempo que conceitos como **sujeito** e **humano** têm sido filosoficamente bastante questionados ou desconstruídos. Como é possível tratar essa questão fora do escopo do antropocentrismo?*

D. Gunkel – Não me considero antropocêntrico nem humanista. Tenho problemas reais com o termo ou com o conceito de *humano*, que muitas pessoas consideram simplesmente como uma categoria natural. Mas não é, é uma categoria política que divide o mundo entre incluídos e excluídos, numa história extremamente violenta. Todo o movimento pós-humanista com Donna Haraway ou Katherine Hayles procura dizer, talvez sob a influência de Heidegger, que não precisamos resgatar essa categoria excludente. Talvez tenhamos que pensar fora da caixa para desafiar o legado dessa forma violenta e excludente de pensar que fez com que nos achássemos especiais, nos autorizando a decidir quem se inclui em nosso círculo e quem não. Heidegger, na *Carta sobre o humanismo* (2005), indagava algo como: por que resgatar a palavra humanismo, se ela já causou tanto estrago? É uma questão muito perspicaz. Mas pessoas como Haraway levaram tal questão muito mais longe, afirmando que talvez a saída não seja incluir todos os entes na categoria “humano”, mas simplesmente explodir tal categoria e desenvolver um modo de pensar que vá além do antropocentrismo.

T. Tomaz – *Como isso se relaciona com seu conceito de direitos dos robôs?*

D. Gunkel – Toda a investigação sobre a condição dos artefatos e nossa relação com eles diz respeito a enfrentarmos as fronteiras da exclusividade. Quando trabalhamos apenas com uma estrutura centrada no ser humano, é muito fácil excluir não apenas animais, mas também artefatos. Aceitemos ou não, já vivemos em um mundo onde artefatos têm direitos e responsabilidades. E tais artefatos são chamados corporações. Portanto, já permitimos que isso ocorresse a algo que não é humano. Artefatos como robôs ou uma inteligência artificial fazem parte de uma longa tradição em que desafiamos esses limites e nos questionamos: o que é o centro? Quem define o centro? É uma questão política: quem tem o poder de definir o que é o centro e a periferia nesse tipo de decisão? Como isso sempre será um procedimento excludente, é uma questão de poder.

T. Tomaz – *E qual seria o problema em excluir os robôs?*

D. Gunkel – É uma pergunta que costumo ouvir com frequência. Falam assim: “Isso é legal na teoria, mas, na real, a gente tem que respeitar algum robô? Eu não deveria jogar fora o meu iPhone quebrado?” São perguntas ligadas a um modo mais pragmático de pensar. Mas proponho o exercício de olhar de baixo para cima, e não de cima para baixo: o que está acontecendo atualmente com as pessoas e suas tecnologias? Pessoas que recorrem a assistentes de voz digitais, como Alexa e Siri, tratam-nas de forma completamente diferente daquela pela qual costumamos interagir com um martelo ou uma chave de fenda. Soldados, ao trabalharem em campo com robôs de armamento, dão-lhes nomes e os tratam como companheiros de equipe, e não apenas como uma ferramenta de operações de combate, da mesma forma como soldados já faziam isso com cães e cavalos. Em relação a robôs domésticos e sociais, muitas pessoas se sentem desconfortáveis em ver ou aprovar qualquer forma de abuso ou violência para com esses objetos. E isso só acontece porque esses artefatos têm presença social. É algo que remonta à equação midiática de Byron Reeves e Clifford Nass (2003), para quem tratamos com certo respeito tudo o que parece social. É assim que funcionamos: vemos algo que parece social e passamos a tratá-lo como outra entidade social, outro sujeito social. Acho que precisamos ser muito honestos conosco no que concerne à nossa atitude enquanto animais sociais e como integramos os artefatos à nossa sociedade de forma a respeitar esses comportamentos sociais. Por esta razão, considero a virada relacional realmente útil. Não dá para simplesmente dizer para esses soldados: “Isso é só um robô, podemos destruí-lo agora.” Ouvimos relatos de soldados às lágrimas após terem perdido seus robôs em batalhas. De fato, isso é estranho, mas não deveria nos surpreender, pois, nas nossas relações, aquilo que parece social é vivido como sujeito, e não mais como objeto. É preciso achar uma forma de integrar essas tecnologias no nosso mundo de uma forma que respeite isso, e não simplesmente sentencie: “Sentir isso é errado.” Sim, pode haver alguns exageros, alguns perigos e riscos em fazê-lo, mas precisamos respeitar o fato de que, como animais sociais, respondemos a tudo o que tiver uma face, um rosto, no sentido levinasiano.

T. Tomaz – *Vamos nos encaminhando para o fim da entrevista e gostaria ainda de fazer duas perguntas. A primeira diz respeito ao interesse de **Ciro**, principalmente em sua última fase, pela alteridade, porém com uma abordagem mais centrada no ser humano. Você vê um tipo de convergência entre a abordagem de **Ciro** e a sua? A segunda pergunta é: quais aspectos do pensamento de **Ciro** você considera mais valiosos para seu próprio trabalho sobre a virada relacional?*

D. Gunkel – Bem, se você olhar para nós três – Dieter Mersch, Ciro e eu –, diria que há todo um espectro: Mersch seria o mais conservador, pois é ele quem diz que robôs, livros, artefatos, nada disso pode ter uma face, só humanos; eu estou na outra ponta, junto com Mark Coeckelbergh, argumentando que robôs e inteligência artificial podem participar em relações sociais e têm, portanto, face; e Ciro, na minha opinião, é o membro mais interessante do trio, porque está bem no centro. Ele reconhece que ambos os lados do debate têm aspectos importantes a contribuir, e isso é importante. No ensaio que Ciro escreveu para nosso livro conjunto, ele lida com esses dois lados ao propor uma diferença entre outridade e alteridade [*otherness and alterity*]. Foi, de fato, uma observação fundamental, pois acho que muitos de nós estávamos usando ambas as palavras como intercambiáveis, inclusive eu e Mersch. Ciro foi mais cuidadoso. Ele disse que a máquina pode ser um *outro*, mas talvez ela não possa incorporar alteridade. Ou seja, ela tem uma outridade, mas jamais portará o estranhamento necessário para que aconteça aquele evento único da comunicação. Alteridade teria um grau de diferença em relação a outridade. Considero uma contribuição realmente interessante, porque ajuda aquelas pessoas que acham esse debate muito controverso e polarizante. Ciro dá voz a esse caminho do meio, o que sempre foi absolutamente crucial para nossa conversa.

T. Tomaz – *Várias questões do pensamento de Ciro permanecem em aberto. Quais dessas questões, em sua opinião, devem ser encaradas pela próxima geração de pesquisadores?*

D. Gunkel – Três coisas. Primeiramente, o seu foco no metáporo em oposição ao método ainda não foi devidamente explorado, e isso pode realmente oferecer muitas possibilidades; vejo que muitos pesquisadores se encontram numa situação em que são incapazes de aderir a um método muito rígido, mas ainda assim querem passar pelo processo de descoberta em que um projeto de pesquisa produz algo único que não segue a abordagem usual das coisas. Observo isso em meus alunos de pós-graduação, que têm uma meta, um desejo de investigar, mas não conseguem articulá-lo de antemão num formato muito rígido. E Ciro nos oferece essa saída. Acho que ele dá continuidade ao trabalho que Derrida estava fazendo com a desconstrução, como sendo um não método. O metáporo é uma estratégia do século 21 para a pesquisa científica. A segunda coisa diz respeito a seu esforço de desenvolver uma base mais sólida e filosoficamente fundamentada

para a comunicação. Ainda estamos batalhando por isso. Claro, concordo que é uma disciplina bastante nova e, por esse motivo, ainda está se debatendo com seus conceitos fundamentais. Mas acho que a autorreflexividade da obra de Ciro em relação aos fundamentos filosóficos é algo que não pode ser perdido. Deve ser levado adiante, pois quanto mais fizermos esse tipo de ruminação, melhor será o trabalho empírico que dali se desdobrará. Se nos concentrarmos apenas no empírico, em algum momento a fundação vai desmoronar e teremos diante de nós um edifício que não consegue se sustentar. Portanto, o esforço para desenvolver a tradição filosófica dentro da comunicação é muito importante e vai produzir grandes frutos no futuro. Por último, ressalto a importância de retomar seu pensamento sobre Levinas, principalmente na distinção entre alteridade e outridade. Acho que os pesquisadores da comunicação chegaram com muito atraso a Levinas, principalmente nos Estados Unidos, onde ele só começou a ser lido nos últimos 15 anos. Como resultado disso, nossa área ainda não aprecia suficientemente os desenvolvimentos surgidos dessa linha. E Ciro, neste sentido, foi um pioneiro; ele conseguiu conectar tais ideias com o campo da comunicação e expandir a ideia do evento comunicacional como um desafio raro. Isso já estava presente em Levinas, e Ciro conectou os pontos antes do que qualquer outro.

D. Naves – *Há algum assunto que ainda não abordamos e você gostaria de comentar?*

D. Gunkel – Acho que ainda não dissemos o quanto Ciro era uma pessoa generosa. No campo pessoal, era incrivelmente hospitaleiro, um maravilhoso anfitrião. Quando estive pela primeira vez em São Paulo, sem nunca antes ter pisado no Brasil e sem falar a língua, Ciro fez tudo para que eu me sentisse em casa. Ou seja, era gentil e se entregava não apenas intelectualmente, mas também socialmente. Quanto à nossa amizade, lembro-me de quando estivemos na Polônia em 2013, em um evento no qual Ciro dividiu a conferência principal com Zygmunt Bauman, e foi extremamente generoso com meu filho Stas. Enquanto minha esposa e eu apresentávamos nossas falas, ele ficava num canto conversando e distraído Stas. Não tenho como esquecer esse gesto. Em resumo, tínhamos não só um contato profissional ótimo, mas igualmente no nível pessoal. Ele foi uma pessoa gentil e generosa, com uma conduta amigável e profissional que muito me ensinou. Se pudesse ser metade de tudo isso que ele era, eu já estaria satisfeito e seria bem-sucedido.

Referências das obras citadas na entrevista

- BENSO, S. 2000. *The face of things: a different side of ethics*. Albany, State University of New York Press.
- GUNKEL, D. J. 2007. *Thinking otherwise: philosophy, communication, technology*. West Lafayette, Purdue University Press.
- GUNKEL, D. J. 2012. *The machine question: critical perspectives on AI, robots, and ethics*. Cambridge, MIT Press.
- GUNKEL, D. J. 2018. *Robot rights*. Cambridge, MIT Press.
- GUNKEL, D. J. 20121. *Deconstruction*. Cambridge; London, The MIT Press.
- GUNKEL, D. J.; MARCONDES FILHO, C.; MERSCH, D. 2016. *The changing face of alterity: communication, technology and other subjects*. London, Rowman & Littlefield International.
- HEIDEGGER, M. 1992. *Que é uma coisa? Doutrina de Kant dos princípios transcendentais*. Lisboa, Edições 70.
- HEIDEGGER, M. 2005. *Carta sobre o humanismo*. São Paulo, Centauro.
- HEIDEGGER, M. 2012. *Ser e tempo: edição em alemão e português*. Campinas, Editora da Unicamp.
- REEVES, B.; NASS, C. I. 2003. *The media equation: how people treat computers, television, and new media like real people and places*. Stanford, CSLI Publ.

Artigo submetido em 23-08-2021

Aceito em 17-10-2021